

MARX, TAYLOR E FORD NO FINAL DO SÉCULO: REFLEXÕES SOBRE TRABALHO E CIDADANIA

MARX, TAYLOR AND FORD AT THE END OF XXTH CENTURY: REFLECTIONS ON WORK AND CITIZENSHIP

Benedito Rodrigues de MORAES NETO¹

RESUMO: a armadilha posta pelo capitalismo para seus críticos, de defender o emprego da força - de - trabalho pelo capital como um *direito*, assume atualmente importante especificidade: o retorno histórico da substituição dos homens por máquinas, através da automação de base microeletrônica, significa a superação do taylorismo-fordismo. Essa forma de produzir significou uma mediocrização do capitalismo quanto ao desenvolvimento das forças produtivas, dado que lastreava a produção no trabalho vivo. Por ter gerado um “círculo virtuoso capital/trabalho”, com fortalecimento dos sindicatos e elevação de salários, o fim histórico do taylorismo-fordismo é lamentado por muitos. Na verdade, o capitalismo voltou a ser brilhante quanto ao desenvolvimento das forças produtivas, coisa que tenderá a marcar de forma cada vez mais nítida sua mediocridade enquanto forma social. Será então possível (e necessário) superar a vinculação empobrecida entre trabalho e cidadania, típica do fordismo, em direção a uma vinculação enriquecida entre os dois conceitos.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho; taylorismo-fordismo; automação; capitalismo; cidadania.

INTRODUÇÃO

O retorno histórico em grande estilo da questão clássica do desemprego determinado pelo revolucionamento da tecnologia de produção está deixando os críticos do capitalismo em situação no mínimo desconfortável. A razão disso é que o fenômeno do desemprego no atual momento histórico carrega dentro de si uma armadilha:

O primeiro elemento da armadilha advém do desemprego enquanto tal. Se, por um lado, o desemprego permite que se explicita a mediocridade do capitalismo enquanto forma de organização da sociedade, por outro lado, expõe os críticos do capitalismo ao risco de colocar a geração de emprego, dentro dos marcos do capitalismo, como sua meta primordial de ação política. Aqui está a armadilha: passa-se a valorizar algo que toda a teoria e prática críticas deveriam, isto sim, criticar enfaticamente, qual seja, a forma dada no capitalismo para o trabalho humano: o emprego da capacidade de trabalho pelo capital. A superação dessa armadilha só pode surgir a partir de uma postura crítica, tanto

¹ Professor do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras - Unesp - campus de Araraquara.

em relação ao desemprego quanto no que se refere à natureza da atividade de trabalho.

O segundo elemento da armadilha acha-se determinado pela especificidade do atual momento histórico. Referimo-nos ao fato de que o desemprego em sua dimensão estrutural reflete o momento histórico de superação do fordismo, superação esta determinada pela incorporação da automação de base microeletrônica. A natureza dessa armadilha fica evidente quando se passa a criticar a *desordem* pós-fordista tendo como referência positiva a *ordem* fordista pretérita.

Para entender a natureza da armadilha que levou ao “como era gostoso o meu fordismo”, precisamos marcar alguns aspectos fundamentais relacionados ao taylorismo-fordismo. Para nós, o taylorismo-fordismo de forma alguma se ajusta à natureza mais avançada da produção capitalista, qual seja, a maquinaria. Como observa Marx, com a introdução da máquina o capitalismo transforma a produção material numa aplicação tecnológica da ciência, explicitando o caráter brilhante do capitalismo no que se refere ao desenvolvimento das forças produtivas. Marquemos este ponto: *para Marx, o capitalismo é, a um só tempo, brilhante no que diz respeito ao desenvolvimento das forças produtivas e medíocre enquanto forma social*. É dessa constatação que se desdobra a conhecida noção da contradição entre forças produtivas e relações de produção, coisa que pode ser sintetizada na idéia de que a forma social capitalista impede que se difundam socialmente os benefícios da desescravização do homem frente ao trabalho (na forma de trabalho abstrato) necessário à reprodução material.

Perguntemos: qual o brilhantismo existente na forma taylorista-fordista de produzir? Qual o brilhantismo existente em lastrear o processo produtivo em milhares de trabalhadores manuais, administrando (de forma despótica ou participativa, não importa) seus tempos e movimentos?

I

A utilização *in extremis* do ser humano enquanto instrumento de produção nada tem a ver com maquinaria, obviamente. Trata-se, o taylorismo-fordismo, não de uma manifestação histórica quase perfeita da *antevisão* de Marx sobre o processo de trabalho capitalista, como querem muitos, mas sim de uma *reinvenção da manufatura*, um incrível retrocesso histórico em termos do conceito de produção material. Exacerbar o uso do ser humano como instrumento de produção, ou seja, lastrear a produção em massa nos movimentos do trabalho vivo, não significa uma forma avançada de produção, pois de forma alguma encaminha na direção da desescravização do homem do trabalho. Trata-se, isto sim, de um desvio mediocrizante do capitalismo. Como não se trata da forma genérica da produção industrial (como também querem muitos), a

mediocridade taylorista-fordista não penetrou em toda a atividade industrial, coisa particularmente ilustrada pela indústria de processo contínuo. *Em sua face taylorista-fordista, fundamentalmente na indústria da montagem, o que se passou a ter foi uma perversa aliança entre a mediocridade do capitalismo enquanto forma social e a mediocridade em termos de forças produtivas.* Esse fato, infelizmente, não foi percebido pelo pensamento e pela ação dos críticos do capitalismo, em função mesmo da armadilha que embute: a utilização massiva de força-de-trabalho não qualificada, a geração do *mass-collective worker*, permite, por parte de sindicatos e partidos de esquerda, a magnificação da atividade de trabalho. Talvez esteja no fordismo a razão histórica do “marxismo da classe operária” que incomoda (com justa razão) Robert Kurz. Uma força de trabalho massiva aliada a elevados níveis de produtividade do trabalho e elevado grau de monopólio permitiram uma espécie de “círculo virtuoso capital/trabalho”: *mass-collective worker* - força sindical - pressão salarial - resolução positiva para os trabalhadores em função de elevada produtividade do trabalho e controle do mercado - fortalecimento da força de pressão do trabalhador coletivo.

É verdadeiramente surpreendente o poder de sedução desse *círculo virtuoso* sobre a classe operária: em plena campanha eleitoral de 1994, Lula afirmava que seu modelo ideal de sociedade nada tinha a ver com Marx, e tudo a ver com Ford: os trabalhadores das linhas de montagem deveriam ganhar um salário suficiente para adquirir os automóveis que produziam. (Folha de S. Paulo, 30/06/94)

Não é difícil perceber que desse aprisionamento ao taylorismo-fordismo desdobra-se uma empobrecida visão sobre a vinculação entre trabalho e cidadania: esta estaria resguardada na medida em que todos tivessem concretizado o *direito* ao emprego de sua força-de-trabalho pelo capital, nos moldes propostos por Taylor e Ford, e recebessem um salário *justo*, possibilitador de um padrão de consumo *decente*. Também não é difícil perceber o quanto esta concepção conflita com a reflexão de natureza marxista sobre a importância da desescravização do homem do trabalho e, a partir daí, sobre a natureza (e necessidade) de uma formação social superior.

Na medida em que não se caracteriza como forma avançada de produzir, o taylorismo-fordismo não carrega dentro de si a mencionada contradição entre forças produtivas e relações de produção. Ao invés de negar a forma social capitalista, o taylorismo-fordismo a reafirma, pela simples razão de manter o ser humano como instrumento fundamental da produção. Assim sendo, o capitalismo teria conquistado sua eternização. Apesar de cansativa para o capital, a contenda capital/trabalho típica do fordismo de forma alguma

põe em xeque os fundamentos do sistema capitalista; antes pelo contrário, o papel social do capital enquanto fornecedor de emprego fica não só intacto como reforçado.

Todavia, como o taylorismo-fordismo não caracteriza a essência da produção capitalista, como parece ter ficado assentado pela análise “crítica”, é possível sua superação dentro dos marcos do capitalismo. Se caracterizasse a essência do capitalismo, o taylorismo-fordismo só poderia ser superado por meio da superação do próprio capitalismo, como é bastante óbvio. Para tanto, bastou que o capitalismo recuperasse seu brilhantismo no que tange ao desenvolvimento das forças produtivas, coisa que ocorreu com a incorporação da automação de base microeletrônica. Ao repor historicamente a clássica troca de trabalhadores por máquinas, o que se consegue é encaminhar, de forma abrupta, os segmentos taylorizados da produção industrial em direção ao *leito da automação*, no qual já caminham há muito tempo segmentos industriais mais avançados, como a têxtil e a indústria de processo contínuo. *Volta o capital a ser brilhante em termos de sua capacidade de desenvolver as forças produtivas, mantendo todavia sua mediocridade enquanto forma social.*

A mediocridade harmônica do taylorismo-fordismo foi explodida pelo capital, fazendo-o retornar a Marx. *Ao readquirir sua capacidade de revolucionar as forças produtivas, radicalizando a cientificização dos processos produtivos, o capital põe a nu a mediocridade da forma social que se organiza sob seu domínio.* A iniquidade do desemprego é a ilustração por excelência desse fato. Mesmo a permanência do *welfare state* não resolve a questão; apenas ameniza seu impacto, minorando seu desdobramento material; permanece todavia o sofrimento de um ser humano que recebe da sociedade a informação de que não serve para nada.

A dimensão do sofrimento causado pelo desemprego, particularmente na ausência de proteção social, não deve levar ao saudosismo dos *bons tempos do fordismo*. Uma das razões é sua inutilidade: o revolucionamento das forças produtivas no atual momento histórico é fato irreversível. Outra razão é que a crítica ao trabalho humano proposto por Taylor e Ford deve ser realizada de forma radical. Taylor e Ford não merecem saudades.

Na contramão do pensamento crítico dominante, que só faz lamentar o fim da benfazeja *ordem* fordista, acreditamos que a explosão dessa *ordem* está impregnada de aspectos positivos. A prática e o pensamento críticos do capitalismo deverão retornar a Marx, que adquire grande atualidade. Afinal, o que se observa (e se observará de forma crescente), é o retorno da clássica noção marxista da contradição entre forças produtivas e relações de produção.

Ao explodir a mediocridade harmônica do fordismo, o capital libertou a prática e o pensamento críticos da armadilha taylorista-fordista, colocando-os frente a desafios de grande magnitude teórico-política.

Exploremos o retorno do capital à sua natureza auto-contraditória. Ao radicalizar a prescindibilidade do trabalho vivo imediatamente aplicado à produção, retorna a questão marxista da ausência de sentido histórico da forma capitalista, alicerçada na relação capital - trabalho. A questão da dificuldade do capitalismo em dar-se sentido precisa ser aprofundada.

CONCLUSÃO

Por meio da explosão do taylorismo-fordismo, recoloca-se a questão enfatizada por Marx da prescindibilidade do trabalho vivo para a reprodução material da sociedade; a produção industrial passa a ser, em todos os seus segmentos, uma *aplicação tecnológica da ciência*. Para aqueles (poucos) que permanecerem com atividades de trabalho na área da produção material, tornar-se-á possível superar a heteronomia do trabalho sob o capitalismo, permitindo um considerável grau de envolvimento do homem com sua atividade de trabalho (saliente-se que isto não supera a mediocridade social do capitalismo, coisa que se pode ilustrar, por exemplo, pela subordinação da segurança física dos trabalhadores ao cálculo do lucro em indústrias com elevado grau de risco). A questão que se coloca imediatamente é: e quanto à atividade de trabalho da grande maioria da população, que passará a ser dispensada do trabalho necessário à reprodução material da sociedade? Se a resposta da sociedade for um grande volume de desempregados, ela estará mostrando sua mediocridade; afinal, não haveria atividades socialmente úteis (e individualmente gratificantes) a desempenhar? A sociedade não necessitaria de atividades humanas nas áreas da educação, da saúde, das artes, da ciência, do lazer, etc?

Na verdade, a atividade humana será sempre socialmente imprescindível justamente onde é imprescindível a presença humana. Seria dessa forma possível estabelecer uma vinculação enriquecida entre trabalho e cidadania: as atividades de trabalho remanescentes seriam, a um só tempo, possibilitadoras do desenvolvimento das individualidades de quem as exerce, e do desenvolvimento da qualidade de vida de quem as usufrui.

As relações de produção capitalistas permitem esse caminho histórico? A subordinação da produção de bens e serviços à lógica do lucro permite desenvolver o conjunto das atividades de trabalho enriquecedoras individual e socialmente? Não seria algo socialmente muito ambicioso para os limites estabelecidos pelas relações capitalistas?

O que não é nada confortável para o capital é que as atividades de trabalho remanescentes dificilmente podem ser integralmente subordinadas à lógica capitalista da produção de bens e serviços como um meio para a valorização do valor. O capital defrontar-se-á com uma nova e difícil barreira, de natureza ética, caso queira subordinar todas essas atividades à lógica do lucro.

Finalizando, por mais paradoxal que pareça, o atual momento histórico de fortalecimento do capitalismo pode estar gestando uma grande fraqueza, num futuro talvez não muito distante.

MORAES NETO, B. R. *Marx, Taylor and Ford at the end of XXth century: reflections on work and citizenship. Revista ORG & DEMO (Marília), n. 3, p. 55-60, 2002.*

ABSTRACT: the trap placed by capitalism for its critics, which is to defend the use of labour force by capital as a *right*, assumes today an important specific nature: the historical return of the substitution of machinery for men, by the microelectronic automation, means the overcoming of Taylorism-Fordism. This production form meant a mediocrization of capitalism as for the development of productive forces, because it founded the production on live labour. The historical end of Taylorism-Fordism is lamented by many because it has created a “virtuous capital/labour circle” which strengthened trade unions and raised wages. In fact, capitalism returned to being bright as for to the development of productive forces, which will tend to point out its mediocrity as a social form. Then it will be possible (and necessary) to transcend the impoverished connection between work and citizenship, typical of fordism, marching toward an enriched association between these two concepts.

KEYWORDS: labour; work; taylorism-fordism; automation; capitalism; citizenship.